

# Do Campo ao Prato: Valores, Práticas e Narrativas dos Consumidores de Alimentos Agroecológicos em Ponta Grossa/PR

*FROM FARM TO PLATE: VALUES, PRACTICES, AND NARRATIVES OF AGROECOLOGICAL FOOD CONSUMERS IN PONTA GROSSA/PR*

*DEL CAMPO AL PLATO: VALORES, PRÁCTICAS Y NARRATIVAS DE LOS CONSUMIDORES DE ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS EN PONTA GROSSA/PR*

Murilo Carlos Siqueira y Alessandra Izabel de Carvalho\*<sup>1</sup>

## Resumo

A agroecologia surge como um conjunto de práticas e conhecimentos que visam a renovação política e sociocultural de sistemas técnicos que, no contexto capitalista de produção, levam à desigualdade, pobreza e perda de diversidade biológica e cultural. Produtores agroecológicos estabeleceram, por meio de feiras, entregas diretas e eventos, sistemas de transação comercial que também fomentam espaços de sociabilidade, troca de conhecimentos e solidariedade. O estudo investiga o significado atribuído à alimentação por consumidores em Ponta Grossa/PR, analisando dimensões permeadas no consumo de agroecológicos. Para isso foram realizadas oito entrevistas de história oral. As narrativas produzidas abordam a alimentação, território, saúde, meio ambiente e busca por justiça social. Constatou-se o engajamento em atividades relacionadas que promovem a tomada de consciência sobre hábitos, corpo, relações sociais e resistência ao sistema alimentar dominante.

**Palabras clave:** Alimentação, produtos agroecológicos, consumidores, história oral

## Abstract

*Agroecology emerges as a set of practices and knowledge aimed at the political and sociocultural renewal of technical systems that, in the capitalist production context, lead to inequality, poverty, and the loss of biological and cultural diversity. Agroecological producers have established, through fairs, direct deliveries, and events, commercial transaction systems that also foster spaces for sociability, knowledge exchange, and solidarity. This study investigates the meaning attributed to food by consumers in Ponta Grossa/PR, analyzing dimensions permeated in the consumption of agroecological products. For this purpose, eight oral history interviews were conducted. The produced narratives address topics such as food,*

---

<sup>1</sup>\* Universidade Estadual de Ponta Grossa

*territory, health, environment, and the pursuit of social justice. It was observed that there is engagement in related activities that promote awareness of habits, body, social relationships, and resistance to the dominant food system.*

**Keywords:** *Food, agroecological products, consumers, oral history*

## **Resumen**

*La agroecología surge como un conjunto de prácticas y conocimientos orientados hacia la renovación política y sociocultural de los sistemas técnicos que, en el contexto de la producción capitalista, conducen a la desigualdad, la pobreza y la pérdida de diversidad biológica y cultural. Los productores agroecológicos han establecido, a través de ferias, entregas directas y eventos, sistemas de transacción comercial que también fomentan espacios de sociabilidad, intercambio de conocimientos y solidaridad. Este estudio investiga el significado atribuido a los alimentos por parte de los consumidores en Ponta Grossa/PR, analizando dimensiones impregnadas en el consumo de productos agroecológicos. Con este propósito, se realizaron ocho entrevistas de historia oral. Las narrativas producidas abordan temas como alimentos, territorio, salud, medio ambiente y la búsqueda de justicia social. Se observó un compromiso en actividades relacionadas que promueven la conciencia de hábitos, cuerpo, relaciones sociales y resistencia al sistema alimentario dominante.*

**Palavras-chave:** Alimentos, productos agroecológicos, consumidores, historia oral

## **Introducción**

A alimentação pode ser considerada uma constante em todas as sociedades humanas e é a forma imperativa da sua relação com a natureza. Nela os seres humanos intervêm em um conjunto de relações da dinâmica natural, domesticando e manipulando animais, plantas, microorganismos, solo e clima para atender a finalidade específica de produção do seu alimento. A partir do século XV, essa prática se modificou radicalmente. Com o advento do capitalismo, os sistemas de produção se orientaram cada vez mais ao mercado e menos à subsistência e perderam diversidade biológica em detrimento a uma maior especialização mundial da produção (Woster, 2003).

A modernização da agricultura com o uso de tecnologia intensiva em insumos, também chamada de Revolução Verde, contribuiu para uma crise agrícola e ecológica gerando danos como erosão de solos, desertificação, poluição por agrotóxicos e concentração de capital e terras férteis pelos proprietários mais ricos e excluindo os pequenos agricultores. Para Altieri (2004) esta crise é resultado do fracasso do paradigma dominante de desenvolvimento que foi incapaz de resolver problemas como a fome, a desigualdade e a degradação da base de recursos naturais apesar de todas as suas inovações tecnológicas. A respostas a esses problemas, segundo o autor, passa pela discussão e reconhecimento de que a

produção agrícola não consiste meramente em uma questão técnica, mas resulta de processo de múltiplas dimensões e da evolução dos sistemas socioeconômicos e naturais.

Neste contexto, a agroecologia surge como um conjunto de práticas e conhecimentos que visam a renovação política e sociocultural dos sistemas técnicos como uma resposta à crise social, econômica e ambiental instaurada globalmente. Segundo Almeida (2003), a noção de agroecologia é difusa e pode variar dependendo dos agentes, enquanto para técnicos e acadêmicos ela é tomada como um imperativo moral de uma nova consciência social e ecológica, para alguns produtores pode consistir simplesmente em um conjunto de técnicas produtivas mais amigáveis ao meio ambiente ou poupadoras de recursos, inclusive financeiros. De toda forma, o conceito serve para mobilizar e legitimar a ação de vários agentes que têm uma visão mais sistêmica da produção e da sociedade.

O crescimento da agroecologia no Brasil, segundo Brandenburg (2002), está ligada às pautas de enfrentamento da desigualdade no meio rural, tais como a luta pela reforma agrária, o fomento do associativismo e do cooperativismo. Essas pautas também demandam práticas específicas de comercialização e, por isso, principalmente a partir dos anos de 1980, esses produtores desenvolveram canais de comercialização que também desempenham o papel de espaços de sociabilidade, troca de conhecimentos e de vínculos de solidariedade entre produtores e consumidores através de feiras, entregas diretas e visitas nas propriedades. De acordo com o autor, a partir da década de 1990, houve uma expansão desses mercados proporcionada por um novo tipo de consumidor que, mesmo se preocupando com os resíduos tóxicos à saúde e origem dos alimentos, tem como forte referência a apresentação, preço e diversidade de produtos característicos do mercado convencional.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa que se utiliza de história oral com consumidores de alimentos agroecológicos em Ponta Grossa. O município é a quarta cidade mais populosa do Estado do Paraná (IBGE, 2022) e polo da região dos Campos Gerais. Dos 311.611 habitantes contabilizados pelo Censo 2010, apenas 2% viviam na zona rural. Para Cunha (1988), a trajetória regional do Paraná Tradicional, da qual Ponta Grossa faz parte, foi marcada pela baixa densidade populacional no campo devido à concentração fundiária em que historicamente predominou a produção agropecuária. A partir da segunda metade do século XX, o Estado empreende como estratégia de desenvolvimento a expansão da produção de soja através da articulação de grupos econômicos, promovendo políticas públicas e intensa propaganda de jornais regionais que projetam nas lavouras de monocultura de uso intensivo de terra, insumos químicos e mecanização como símbolos de modernização da agricultura (Cunha, 1988; Klanovicz e Mores, 2007).

Segundo Rocha e Weirich Neto (2007), a produção da região é marcada por ser uma das mais dinâmicas do país, destacando-se por seus elevados índices de produtividade nas plantações de soja, milho, laticínios, suinocultura, avicultura e plantio de pinus ligado a indústria de produção de celulose. Neste contexto, no ano de 2003, onde segundo Cunha *et al.* (2014 p. 3) “praticamente, não havia espaço para a agricultura familiar”, cerca de 150 famílias ligadas ao Movimento dos

Trabalhadores Sem Terra (MST) ocuparam parte de uma fazenda que pertencia a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Assim, essas famílias deram início à Comunidade de Resistência Emiliano Zapata, localizada no distrito de Itaiacoca, há aproximadamente 20km do centro da cidade e orientada por um projeto popular de reforma agrária e produção agroecológica. Valadão *et al.* (2014) relatam o processo de organização da comunidade, no qual a comercialização da produção é fundamental para a subsistência das famílias e fixação do acampamento, destacando o papel do Programas de Aquisição de Alimentos (PAA) que se tornou a principal fonte de renda agrícola para as aproximadamente 50 famílias que ali permaneceram nos anos seguintes. Como forma de complementar a renda e diminuir a dependência dos programas governamentais, os produtores passaram a organizar canais alternativos de comercialização como redes de consumidores para entregas de cestas semanais, feiras agroecológicas e, mais recentemente, entregas em domicílio com encomendas on-line. Essa última forma de compra ganhou importância principalmente no contexto de Covid-19, sendo adotada também por projetos de extensão universitária e grupos de compra coletiva.

Como a produção e o consumo de agroecológicos são permeados de processos de múltiplas dimensões, a intenção é entendê-las a partir da experiência de alimentação dos próprios consumidores, investigando quais dimensões perpassam essa prática, que noções são mobilizadas por esses atores, quais significados lhe são atribuídos e/ou construídos. Assim, buscou-se compreender não o fato do consumo de agroecológicos em si, mas a dimensão subjetiva desse fenômeno através da narrativa desses consumidores. Esses objetivos também demandam uma metodologia apropriada, por isso a escolha do enfoque da história oral que, segundo Alberti (2008, p. 165), possibilita compreender “como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e tomada de decisão”.

Em função do contexto da pandemia de COVID-19, optou-se por executar as entrevistas de forma remota, através de chamadas de vídeo on-line. Santhiago e Magalhães (2020), através de uma revisão de trabalhos de história oral que se utilizam de entrevistas à distância, fazem várias considerações e trazem algumas implicações sobre esse tipo de entrevista. Segundo os autores, há uma controvérsia no uso de entrevistas on-line em função do entendimento tácito de que na história oral há, além do encontro de duas subjetividades, conjuntos de saberes, repertórios linguísticos etc., também um encontro presencial de corpos. Assim, a interação e produção de relatos mediados por ferramentas on-line implica em rupturas e continuidades com a produção presencial. Os autores identificam como continuidades que preservam a substância crítica do trabalho de história oral: a oralidade, a imediatez, a dialogicidade e a situacionalidade. Os autores apontam alguns fatores importantes para serem considerados nesta forma de entrevistar: a aptidão ou intimidade dos entrevistados com os recursos de videoconferência, o momento pré-entrevista quando acontecem as apresentações pessoais, as orientações sobre o trabalho e explicitação de expectativas, os potenciais e limitações interpretativos do material audiovisual produzido, tendo em vista que as imagens são enquadradas pelo próprio entrevistado e, por fim, a ambiência e

hábitos de comunicação diferenciados gerados pelo ambiente virtual, como a tendência de brevidade desse tipo de interação e o comportamento multitarefas on-line.

Parte dessas considerações foram contempladas pela seleção dos entrevistados, que foram recrutados através da base de um site de comercialização e entregas em domicílio de produtos orgânicos e agroecológicos. Esse site trata-se de uma iniciativa autônoma que envolve quatro famílias do assentamento Emiliano Zapata e 285 consumidores cadastrados. Os consumidores encontraram o site através de indicação, propaganda em redes sociais, distribuição de panfletos, dentre outros. Foram selecionados para entrevistas pessoas que trabalham remotamente ou que já estavam habituados com ferramentas de videoconferência, para isso utilizou-se uma pesquisa de satisfação aplicada no ano de 2019 que obteve 20 respostas. Foram enviados 12 convites considerando a forma de acesso ao site (computador), o que resultou em oito entrevistas que duraram em torno de 40min cada, sendo seis mulheres e dois homens com idades entre 33 e 57 anos, todos com algum tipo de formação superior.

Todos os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa e consentiram com o uso do material produzido para fins acadêmicos e pedagógicos. Para manter a privacidade dos entrevistados, optou-se por trocar seus nomes por nomes fictícios.

O roteiro de entrevista foi dividido em três blocos: o primeiro é a identificação do entrevistado, com informações básicas do seu perfil como idade, formação, profissão e com quem mora; o segundo se refere à sua alimentação, com perguntas sobre sua rotina atual e anterior e como se sente sobre isso; e o terceiro trata especificamente sobre agroecologia, qual seu entendimento sobre o tema, o que reconhece de diferenças entre o produto agroecológico e orgânico, sua história com esse tipo de produção e motivações.

O método empregado para a análise seguiu os passos e princípios estabelecidos por Alberti (2008 p. 185). Depois de transcrita, procedeu-se com a interpretação da entrevista, buscando entender os conceitos utilizados pelos entrevistados como “as formas como se referem a determinados acontecimentos ou situações, as lembranças cristalizadas, os exemplos, os cacoetes de linguagem etc,”. Segundo a autora, os sentidos emergem a partir de um ciclo de análise quando se relaciona os trechos dos depoimentos com o todo e vice-versa, em uma lógica de análise hermenêutica.

### **A alimentação Agroecológica para os Entrevistados**

Para Michael de Certeau, “gostar” é um “termo confuso, ligados a um múltiplo jogo das atrações e das repulsas” que envolve fatores como a disponibilidade, as provisões e preços dos alimentos, o que é permitido pela cultura ou valorizado pela organização social e também hábitos da infância, que são reforçados ou, pelo contrário, reprimidos pelo desejo adulto de livrar-se deles. Neste sentido, para o autor também “comemos nossas lembranças”. Comer serve para, além do sustento biológico do corpo, “concretizar um dos modos de relação

entre as pessoas e o mundo, desenhando assim uma de suas referências fundamentais no espaço tempo” (Certeau, 1997, p. 250). Para o autor, os regimes alimentares analisados sob uma ótica sincrônica podem revelar uma determinada ordem do mundo ou possíveis ordens pois, as variações de diferentes sociedades em um mesmo período expressam uma diversidade abundante de práticas e hábitos alimentares e uma coerência interna entre elas.

Neste sentido, o gosto aparece nas narrativas dos consumidores de produtos agroecológicos muito ligado às suas memórias e trajetória de vida, como às mudanças familiares, de trabalho e migrações. Aparecem nos relatos um jogo de condições e desejos. As condições são oferecidas pelos diferentes territórios habitados pelos consumidores, como as diferentes regiões em que residiam e que fornecem acessos a diferentes produtos conforme seus biomas, economia e organização de mercado, práticas e culturas locais. Nos territórios os entrevistados também constroem suas redes e integram grupos ou coletivos que permitem acessar os produtos através de circuitos curtos ou diretamente dos produtores. São diversas as experiências que levaram os entrevistados às reflexões sobre seus regimes alimentares, suas implicações políticas, econômicas e ambientais e o desejo de expressar através desses e de outros hábitos uma “ordem do mundo” mais justa e equilibrada dentro das suas possibilidades.

### ***Alimentação e Território***

Sete entrevistados tiveram a experiência de viver em outros lugares e percebem que as mudanças em sua alimentação derivam principalmente de suas mudanças de cidade ou estado. Para esses consumidores, são os lugares que oferecem as condições de acesso à qualidade, quantidade e variedade de alimentos através de seus diferentes biomas, culturas e economias.

O relato a seguir é de Almir, professor de artes e residente de Ponta Grossa há pouco mais de 20 anos e que explica que durante a sua infância e juventude morou em diversas regiões do norte e sudoeste do país e a relação dessa experiência com a formação de seu paladar:

O que nos falta aqui por exemplo, [...] apesar de ser carioca, eu estou acostumado com a comida do Norte né? Então no Norte nós temos uma variedade assim que você sai de casa e vai ali na esquina no meio do mato e come até dizer chega e volta, então assim, a variedade da oferta vegetal é muito grande, então tem coisas que aqui não tem. Então eu digo assim que a gente acaba comendo se restringindo, aqui a gente come manga, maçã, goiaba e banana, muita banana, mas se tivesse no Norte, nossa! Teria mais vinte tipos de frutas à disposição, então é uma restrição geográfica também, né? (Almir, 2021)

Os costumes que desenvolveu nos lugares onde morou estão diretamente ligados à variedade de oferta vegetal que contrasta com a de Ponta Grossa, que é restrita. Na sua visão, enquanto no norte teria uma ampla variedade, come-se de tudo, em Ponta Grossa come-se muito do mesmo. Além de geográfica, a restrição também acontece por meio de preconceitos religiosos ou impostos pela indústria

escamoteados pelo discurso científico. A seguir, Almir relata que em outras localidades havia o contato com conhecimento sobre plantas medicinais e comestíveis muito maior do que se tem hoje em dia e na região:

E as pessoas perderam isso porque, uma das coisas, que é a questão da religiosidade, e que acabou muito com essa questão que é de você ter as essas benzedoras, que é de você ter essas pessoas que te curavam, esses chás, essas coisas assim, e isso foi se perdendo totalmente. Hoje, em vez de deixar o matinho crescer ali para ti, para você ter um aporte farmacológico ali no quintal, não né, tu planta grama [risos]. Então a gente ficou muito mais burro nesse sentido. A gente perdeu uma sabedoria assim fantástica. Então como tudo é do mal, tudo é do Demo, se não vier do produto químico tudo é do Demo. Então isso foi perdido. Mas então, eu quero manter isso na nossa família. Minhas filhas, meus filhos tomam muito chá, tem essa compreensão do contato com a natureza. (Almir, 2021)

Neste relato, Almir relaciona o consumo de agroecológicos com saberes locais ligados a um patrimônio cultural com fortes referências ambientais perdidas ou reprimidas. Há na sua fala referências a diferentes sentidos dominantes e residuais ligados à reestruturação e modernização da cultura alimentar. Nesse processo, segundo Teuteberg (2009) soma-se às antigas relações entre comida e magia, mito e religião, antes dominantes, o sabor, a preocupação com a saúde, origem e impacto da produção dos alimentos, podendo a comida ser vista, inclusive, como incentivo a reformas econômicas e sociais. Assim, um sentido que aparece na fala de Almir é o de construir e reconstruir conhecimentos como uma forma de se contrapor às diferentes forças sociais e econômicas que restringem a alimentação.

Nas entrevistas, há também questões ligadas à organização de mercado que determinam o acesso a produtos mais saudáveis. No relato a seguir, Everton conta que foi a partir de sua experiência de trabalho na região norte do país, em uma empresa que prestava assessoria a pequenos agricultores, que percebeu um paradoxo na região Sul. Segundo ele, há uma melhor infraestrutura logística, acesso a informações e mercados para produtos orgânicos, mas o pequeno produtor enfrenta várias dificuldades em função da concentração dos canais por empresas maiores e atravessadores:

É bem mais difícil você lidar aqui com o consumidor porque você tem muito mais concorrência das grandes redes de mercado, dos outros comércios, das próprias ferramentas de comércio e que existem aqui, o atacado de frutas e verduras, frutarias, a feira do produtor. Então o pequeno produtor, aqui na nossa região, ele está muito refém do atravessador, ele não consegue sozinho chegar ao consumidor, porque até o consumidor chegar nele, o cara passa no supermercado, passa na feira, no sacolão, e o produtor está longe, na zona rural, não tem ônibus, então não existe essa relação, tem que construir. (Everton, 2021)

Neste relato, há uma imagem do produtor enquanto um sujeito isolado, tanto geograficamente quanto comercialmente por uma estrutura de mercado que se impõe. Pode-se inferir que há um caráter de violência nessa relação com o uso

de do termo “refém”, alguém que está preso em um sequestro a mercê de um outro que o extorque financeiramente. Por fim, na última frase do trecho, Everton revela o desejo de construir outras relações entre consumidores e produtores.

Um elemento relacionado ao território emergente nas entrevistas é a agricultura urbana, uma vez que não havia nenhuma pergunta no roteiro sobre o assunto. No relato de Tânia, residente de Ponta Grossa há aproximadamente 20 anos e natural de Joinville, há a memória da disponibilidade de alimentos naturais dentro da área urbana da cidade onde morava:

[...] tinha um pé de jabuticaba no terreno baldio que tinha do lado da nossa casa. Tinha um senhor que cuidava e ele permitiu que a gente fosse lá e pegar as frutas, as verduras [...], ele só pedia que a gente cuidasse[...]. A minha mãe não tinha plantação, mas a gente tinha sorte de ter esse senhor que cuidava do terreno baldio, ele morava no terreno seguinte e como ele era aposentado ele resolveu cuidar daquele terreno, [...] e ali ele provavelmente tinha o consumo dele e ele permitia que a gente fosse lá, com autorização dele, para pegar o que quisesse. Então a gente pegava, às vezes a minha mãe também comprava dele, para ajudá-lo também [...]. Daí nossa alimentação era bem mais leve, bem orgânica, com uma base de colher e comer. [...]. Tinha frutinha que hoje não se encontra mais, umas frutinhas mais silvestres da região mesmo. Tinha uma que a gente chamava tipo, não sei se era, não deve ser o nome dela mas, em casa a gente chamava de xinxim. Era tipo uma laranjinha azeda e aqui eu nunca encontrei. (Tânia, 2021)

As memórias de Tânia com sua cidade natal também revelam o contraste entre os territórios, as frutinhas que ela tem dificuldade de lembrar o nome e que não são mais encontradas por ela em Ponta Grossa. Assim como na narrativa de Almir, há a lembrança da disponibilidade, da abundância de alimentos na porta ou há poucos passos da casa. Em Joinville, elas e suas irmãs tiveram a “sorte” de ter um vizinho que cultivava em um terreno baldio e que lhes proporcionou uma alimentação mais leve e orgânica, uma benevolência incondicionada. Apesar de sua mãe comprar as vezes dele, Tânia ressalva que era para ajudá-lo, ou seja, era uma relação de dádiva, não comercial. Assim como a esquina da casa, o local público que fornece alimentos “até dizer chega”, o terreno baldio, apesar de cuidado por alguém, também tem um caráter coletivo ou comunitário.

As hortas apareceram em todas as entrevistas como prática, desejo, projeto ou necessidade. Elas estão ligadas à garantia de acesso a alimentos de melhor qualidade frente às dificuldades impostas pelas condições locais, mas também como uma forma de gerar um vínculo com a produção de alimentos e com a terra. No relato a seguir de Almir, a alimentação está ligada a um sentido de processo ativo, uma atitude ou ação que, mesmo não suprindo todas as necessidades, orienta-se para fazer o que é possível no momento e em direção à essa independência e inserção no sistema de produção e consumo mais naturais.

Então faz alguns anos já que nós estamos nesse processo de comer mais vegetais, processo também que eu tenho, que eu tinha muita vontade de plantar, então já estou tendo alguns resultados, já estamos comendo

algumas coisas daqui da horta. Então acho importante esse processo também, eu acho que não tem condição pelo espaço, não tem condição de ter uma independência, mas eu acho importante comer algumas coisas plantadas por nós mesmos, assim acho que energeticamente esse processo, esse vínculo com a terra, esse processo de estar inserido no sistema assim, mais natural, eu acho muito importante. (Almir, 2021)

Aqui também se relataram sentimentos de prazer e orgulho no cultivo, que é uma forma de criar um vínculo com o próprio alimento que será consumido. No relato a seguir, Edna, professora de história da rede pública estadual, o sentido da palavra “autossuficiência” se aproxima da palavra “independência” utilizada por Almir, um sentido de autodeterminação.

E por que essa ideia da horta?

Ah, pelo prazer né? Pelo prazer de mexer, porque eu sei que, e também essa história da autossuficiência né. Ela é importante, que nem agora, agora a gente tá sem vocês e eu não tenho outros contatos e daí tive que me submeter ao mercado. Então não é legal também ficar nessa dependência assim [...]. O meu marido, ele começou a fazer uma composteira, então ele tem ali o biofertilizante, e então é interessante você produzir seu alimento, tá faltando isso para nós eu acho, tá faltando isso. Você produzir o seu alimento, você ir lá, porque quando meu marido tava plantando o tomatinho cereja era muito legal, ir de manhã lá e colher os tomatinhos, fazer tapioca com os nossos tomatinhos, então te dá um orgulho também de saber que foi algo que você, que tem a tua energia ali, a tua mão sabe? (Edna, 2021)

Edna, em de setembro de 2021, teve que fazer compras no mercado em função da pausa nas entregas da rede de comercialização que fazia parte. O termo utilizado é o de se “submeter” ao mercado, ou seja, não se trata de uma relação de troca igualitária, tão pouco uma relação onde o consumidor pode desempenhar algum poder, é uma relação de subordinação ao revendedor de alimentos. A horta, neste sentido, é uma forma de se contrapor a esse processo.

Esta submissão, ou relação desigual, também aparece na narrativa de Everton novamente através do termo “refém”, que remete à uma ideia de relação mais coercitiva por parte do sistema de produção e consumo no sentido de impor às pessoas uma alimentação ruim:

A própria produção, rotina, o dia a dia mais agitado impede a gente de comer melhor. Então, acho que a gente não tem condições hoje [...] (de) tempo e dinheiro para se alimentar melhor. A gente tá refém do sistema em relação a produção de alimentos [...]. Você pega aí, por exemplo [...] hoje você pega uma bandejinha de carne, você tira isso e já joga numa frigideira, você já não tem mais tempo de comprar uma peça, de cortar e processar. Então, eu acho que preciso comer melhor, mas a minha realidade hoje não permite melhorar minha alimentação. O que eu faço é na questão dos vegetais, vegetais e frutas. Eu acho que é o mínimo assim que eu consigo, fora disso eu não tenho mais fontes sabe? De onde melhorar minha comida. Por exemplo, vou comprar um frango caipira, eu morando sozinho, estraga. Não

tem assim, a realidade me impõe essa questão de comer o que me dão, sabe? Eu estou há dez minutos do supermercado, daqui eu subo ali, pego uma bandejinha de carne, dois ou três tomates e pronto, então não tem como eu querer ir lá pra roça. (Everton, 2021)

O consumo de Everton tem uma etapa a mais que de outros consumidores, pois ele prefere adquirir cestas prontas de produtos entregues diretamente pelos produtores e como mora sozinho, para não perder alimentos, ele faz o processamento de todos os vegetais usando a técnica de branqueamento para que durem mais. Conforme o trecho acima, esta é a ação possível dentro da sua rotina de alimentação para consumir produtos agroecológicos frente às imposições da realidade. Assim, o sentido dado ao consumo de agroecológicos e as suas práticas na cozinha também são os de uma forma de resistência.

### ***A Relação Entre Consumidores e Produtores***

Da mesma maneira que os consumidores de produtos agroecológicos também são produtores (ou buscam sê-lo) através das hortas, há a noção de que os produtores também são consumidores. Estabelece-se assim uma relação de reciprocidade nas narrativas devido ao entendimento de que, diferentemente da produção convencional e industrial, esses consumidores e produtores compartilham os mesmos produtos. No relato a seguir de Almir, há uma preocupação com o processo e com as pessoas que participam dele, envolve o relacionamento com o alimento e com as pessoas:

O futuro é a gente voltar a ter esse relacionamento com alimento e esse relacionamento com as pessoas também né. Você conhecer o produtor não tem preço, você ter um relacionamento como esse, com gente que tá tratando do teu alimento do jeito que você gostaria que fosse tratado, que você trataria sabe? É uma outra coisa, é um outro tipo de vivência humana eu diria. (Almir, 2021)

O vínculo com os produtores é com alguém que trata o alimento como você o trataria, ou seja, é uma forma de se colocar no lugar do produtor compartilhando uma mesma forma de fazer. Nesse sentido, assim como horta é importante para se criar um vínculo com a terra e com alimentos, também possibilita o vínculo entre as pessoas, pois o consumidor passa a ser também produtor e com isso pode compartilhar dos mesmos valores e práticas, há nisso um sentido de empatia. No relato a seguir, Tânia cria uma imagem do produtor no qual ela pode se colocar no lugar, pois é um produtor-consumidor, aqui a principal certificação ou garantia de qualidade é o próprio consumo de quem produz:

Então acho que (a agroecologia) é mais ou menos isso, é uma produção menor, com uma qualidade melhor nessa produção, até pelo próprio cuidado que vai ter né, em cima disso. Até porque essas pessoas também vendem, mas elas consomem. Elas têm o consumo próprio daquele próprio produto que elas estão vendendo. Então no que você vai comprar de um grande produtor é diferente né? É uma coisa mais mecânica, é mais industrializada mesmo. Enquanto, se você tomar um cuidado com você,

automaticamente você também vai ter um maior cuidado com os outros. Isso faz parte. Depende se a pessoa tem essa consciência ou não, mas acaba sendo assim né? (Tânia, 2021)

Também existem elementos ligados a uma lógica mais solidária, que extrapolam a relação regulada pelo mercado. No trecho a seguir, Maria, bancária de 39 anos, explica os motivos pelo qual prefere comprar de produtores locais:

“Os alimentos feitos aqui, nas cooperativas que são aqui próximas, principalmente para estimular o comércio e fazer disso uma rede de ajuda. Tem coisa que eu não preciso ir tão longe se eu tenho aqui próximo e eu posso ajudar quem tá aqui perto”. (Maria, 2021)

A preocupação com a consequência do consumo, no caso o estímulo ao comércio e economia local, está muito ligada ao conceito de consumo consciente, comércio justo e solidário. Para Cortera e Ortiz (2009, p.60) o comércio justo busca estabelecer uma relação entre produtores e consumidores baseada na equidade, cooperação, confiança e interesse compartilhado. Dentre os princípios dessa modalidade de comércio está a “humanização do processo comercial”, não limitando-se à troca mercantil e monetária, mas nas necessidades das pessoas, bem como a criação de uma relação mais direta e solidária entre produtores e consumidores, construindo através do comércio espaços de socialização. O “ajudar quem está próximo” através de uma ação direta e concreta, que é a compra, novamente se relaciona ao sentido de consumo de agroecológicos enquanto uma ação transformadora da realidade.

Destaca-se também a relação estabelecida entre consumidores através de grupos de organização de compra coletiva e de interesses correlatos como coletivos de vegetarianismo, yoga e feministas. A relevância desses grupos nas entrevistas se refere, não apenas na criação de canais de comercialização, mas principalmente na troca de informações, conhecimentos, experiências e receitas. Através desses grupos os consumidores acessam informações sobre alimentação, aumentam seu repertório e contatos com mais produtores para conseguir diversificar sua dieta.

Há também um entendimento que esses diferentes grupos convergem em seus interesses e pautas. No trecho a seguir, Edna expõe sua visão de como dois grupos diferentes, de alimentação vegana e feminista, fazem parte da “mesma causa”, que é a luta por um sistema “menos agressivo”:

A gente tem um grupo dos veganos né. E daí tem a das meninas, e assim, são vários grupos na verdade e acaba assim, coincide de um e outro. Porque os veganos, eles vão defender essa alimentação saudável e também o não abuso aos animais, como um todo. E também tem o grupo feminista que também tá ligado nessa questão assim de saúde e de produção orgânica e daí tem os vários grupos que promovem essas alimentações diferentes. E daí acaba convergindo, a gente fala um grupo, mas na verdade são vários grupos que, fazem alimentação, comercializam, outros lá, que nem tem um grupo do jacu vegano, que além de comercializar também discutem questões. Então é o povo da causa mesmo, da causa como um todo, de um sistema melhor, menos agressivo no geral. (Edna, 2021)

Na experiência dos entrevistados, a dimensão social da alimentação não está presente apenas nas relações subjacentes de consumo, acessíveis ao consumidor através de um processo de reflexão sobre as dinâmicas sociais nas práticas alimentares, mas em uma ação coletiva, deliberada e organizada conscientemente para transformar essa realidade. O que se faz dentro da cozinha não é apenas uma prática privada ou individual, faz parte de uma prática coletiva de grupos orientados por esses valores ou “causas” que envolvem a alimentação.

No relato a seguir, Tânia descreve, além do impacto da participação nesses grupos na sua alimentação, também um elemento de interesse ou de visão de mundo comum dos seus participantes:

Depois que eu comecei a fazer todos esses cursos e comecei a descobrir outras alternativas, eu fui conhecendo grupos diferentes daquele que eu tinha quando casei. A alimentação também começou a mudar então, também começou a ficar um pouco mais saudável, vamos dizer assim, do que eu tinha antes [...]. Tanto é que eu consegui com um ano com esse grupo da alimentação do Casulo, que o pessoal é mais vegano, eu fiquei um ano sem consumir carne vermelha. Pela oportunidade e pela variedade também que eles estavam fornecendo ali naquele grupo. E também fui fazendo outras coisas que faziam parte desse nicho [...]. Daí você vai procurando grupos assim que vão acrescentando a ter uma vida mais saudável digamos assim. Então, quando eu comecei a fazer massoterapia eu fui procurando esse tipo de nicho de pessoas, e você vai conhecendo também esse nicho de pessoas. Geralmente quem procura uma massoterapeuta ou quem procura essas técnicas mais, estudar nessa área, já tem uma visão menos mecanizada, não que não tenha, mas aquela visão muito mecanizada, muito prática das coisas já diminui um pouco, então você vai procurando coisas mais saudáveis. (Tânia, 2021)

Forma-se assim, através desses grupos, uma comunidade de vários interesses e temas convergentes. Todos os entrevistados promovem ou participam de alguma forma de atividades que envolvem temas ligados à agroecologia ou de promoção de alimentação consciente, seja através de participação nos grupos ou em conversas com seus familiares e outros círculos sociais. No relato a seguir, por exemplo, a entrevistada Maria expressa sua opinião sobre o Guia Alimentar para a População Brasileira:

Muita gente não conhece, eu até demorei, me assustei, demorei pra conhecer esse documento, [...] e eu acho que são informações extremamente importantes e que a população tinha que ter consciência e noção né? Daí até as mães da escola do meu filho estavam questionando o cardápio da comida que era servida lá essa semana, daí eu passei o link para elas, uma já conhecia e as outras já se interessaram e é bom saber, acho que é por aí que a gente começa a arrumar o mundo, ainda mais que esse governo queria alterar o guia. (Maria, 2021)

No relato de Maria, novamente aparecem o sentido da alimentação enquanto um processo de transformação gradual, de ação dentro das possibilidades, uma forma de “começar a arrumar o mundo”. Neste caso, a ação é a

busca e disseminação de conhecimento sobre a alimentação em um grupo que demandava por isso. Coaduna com essa perspectiva o trecho a seguir da entrevista com Almir:

Por isso que a gente procura comprar de pessoas que estão plantando sem agrotóxico, de pequenos produtores. Setenta por cento da nossa comida vem de pequenos produtores, não vem do agronegócio. Então é importante que as pessoas tenham consciência disso. O agronegócio é maravilhoso porque ele paga uma fortuna para Rede Globo dizer que ele é top, que ele é isso, que ele é aquilo, mas na verdade a comida que está na sua mesa, 70% dela não está vindo desse grande negócio. Então eu acho importante discutir isso, eu acho importante discutir isso dentro da escola, acho importante que as pessoas fiquem sabendo de onde vem o alimento, como é plantado e deem força para que ele seja plantado dessa maneira, dessas técnicas que voltam a tratar a terra com o respeito que ela tem que ser tratada, com o amor que ela tem que ser tratada e voltem a cultivar plantas como elas eram anteriormente, não desse jeito, essa monocultura ai que só faz mal pra gente. (Almir, 2021)

Acrescenta-se nesta narrativa o caráter coletivo e de resistência na disseminação de informações e do consumo. Assim como no relato de Maria, que aponta para um ator antagonista desse processo, do qual não interessa a disseminação das informações (o então governo que queria alterar o Guia Alimentar da População Brasileira), Almir elenca vários outros atores e aponta para ações de contraposição possíveis. Assim como em outros relatos seus, aqui também aparecem ideias de resgate ou retorno de práticas tradicionais, dessa vez incluindo outros elementos além das técnicas agrícolas, são valores e sentimentos como amor e respeito atribuídos a essas práticas tradicionais de produção em contraposição ao modelo do agronegócio e da monocultura. Para Aubin (2017), a agroecologia, ao resgatar valores de relações que vão além das relações capitalistas, como a temperança e a humildade, buscando na natureza modelos de relação mais interdependentes, como os descritos pela ecologia e biologia, tem o potencial de propor uma mudança radical na relação entre humanos e não humanos. O autor afirma que a agroecologia ao reposicionar a satisfação das necessidades à frente dos desejos humanos permite uma realização em nível intelectual, existencial e até mesmo espiritual. Por isso, mais do que uma disciplina ou campo do conhecimento, ela é considerada um paradigma existencial que se encontra em constante construção.

Essa é uma perspectiva ou entendimento de agroecologia que também surgiram nas narrativas de outros entrevistados e que podem ser comparadas à concepção de agroecologia utilizada por Woster (2003) como um ecossistema reorganizado para propósitos agrícolas, ou seja, um ecossistema domesticado, orientados para a subsistência e diversos biologicamente. O trecho abaixo se refere a resposta da Selma, professora de ciências e matemática da rede pública de ensino, ao ser questionada sobre a diferença da produção orgânica e a agroecológica:

Vamos supor se você, se eu olho assim penso no orgânico, eu vejo uma plantação de pessoas que buscam não usar agrotóxicos, que buscam

usar um adubo orgânico. Agora quando você fala em agroecologia eu consigo ver uma paisagem diferente, entendeu? eu já vejo além daquela plantação eu consigo ver árvore, eu já consigo ver, ah, como é que eu vou te dizer? Pequenas ervas no meio daquilo, uma mistura de coisas plantadas, eu já, a agroecologia eu consigo ver essa paisagem. A paisagem na minha cabeça, o retrato já é um pouco diferente. (Selma, 2021)

Nesta imagem ou representação formulada por Selma, o produtor aparece como integrado ao espaço natural em uma produção de policulturas. Diferente de outras entrevistas, Selma foi a única entrevistada que fez referência a uma paisagem ou descreveu como seria o espaço de produção, talvez com base em uma memória de sua visita à comunidade Emiliano Zapata, onde promoveu uma atividade pedagógica com uma turma de estudantes do ensino fundamental. Já Edna, que também conhece a comunidade, narra a produção agroecológica a partir dos seus valores e princípios:

E o orgânico, sem agrotóxico, é toda uma energia, não é o alimento em si, é tudo que ele carrega, é tudo que ele trás consigo. Porque, por exemplo eu, que conheço lá o Emiliano Zapata[...], eu entendo a filosofia, é todo um acreditar que está depositado ali, é todo um sonho de uma sociedade melhor, é todo um sair desse latifundiário, é todo um sair dessa oligarquia que te trás um prazer maior entendeu? Espiritualmente, psiquicamente falando, e fora os sabores [...] (Edna, 2021)

Assim como Almir, Edna também elenca alguns atores e forças econômicas e políticas das quais o movimento da agroecologia se contrapõe, não só no plano das relações materiais concretas, mas em outras dimensões (psíquicas e espirituais). Também estabelece a natureza da relação entre consumidores e produtores onde o consumidor além de se beneficiar de um alimento livre de agrotóxicos e saboroso, também compartilha a energia e o sonho depositados na produção.

A ideia de que na produção, comercialização e consumo há uma troca de valores positiva, de investimento em um projeto de sociedade mais justo, há também a crítica quando acontece o inverso, a desvalorização dos produtores. A relação entre consumidores e produtores é problematizada por Everton porque, para ele, não há um reconhecimento devido dos produtores e a maioria dos consumidores ainda não tem essa consciência da dimensão política de seu consumo:

[...] eles (os consumidores) não têm essa dimensão de que o ato de comer é um ato sociopolítico. Você comprar lá, você ter alguém que abriu mão de, digamos assim, das facilidades que a vida na cidade oferece para viver lá no meio da roça, sabe? Então alguém tá abrindo mão do conforto, de algumas coisas, para você ter um produto de qualidade na tua mesa, então isso o consumidor ainda não tem essa percepção ele não vê o agricultor assim como um elemento importante, digno de nota, mas ele vê um McDonald's tem que marcar lá, vai no McDonald's e marca lá, faz lá faz check-in no McDonald's. Sabe? Eu acho assim, um absurdo, mas é a forma como essas empresas criaram essa necessidade do marketing e o produtor

não tem isso, então a gente precisa achar uma sintonia, sabe? uma frequência assim para que a gente consiga tornar eles assim sabe tipo, como intercambiante, vamos jogar juntos, produtor e consumidor. (Everton, 2021)

Diferente da imagem ou representações anteriores, aqui o produtor é alguém que se sacrificou, pois está abrindo mão do conforto e outras coisas muito importantes em benefício social ou da coletividade. Novamente aparecem agentes econômicos que se impõe e ocupam os espaços, neste caso, o da atenção e repercussão dos consumidores. A relação entre produtores e consumidores se dá pelo prestígio, atribuição ou reconhecimento de importância que se manifestam pelas mídias digitais.

### ***O Corpo, a Cozinha e a Rotina***

Enquanto forma de garantir a procedência e composição da refeição, os sentidos de cozinhar estão muito relacionados aos valores ligados ao consumo de agroecológicos. A atividade é assim entendida como uma extensão ou resultado da cadeia produtiva que começa na produção e chega até o consumidor final. No relato a seguir de Manuela, a alimentação aparece novamente como busca de conhecimento, mas não um conhecimento ligado à uma cultura alimentar ou resgate de tradições, mas ao produto em si, como suas características que revelam seu processo produtivo e sua origem. Neste caso, quanto maior o processamento maior a dificuldade de obter essas informações:

[...] eu gosto de alimentos frescos e acho super interessante a gente ter uma ciência da onde que vêm esse alimento, quanto mais natural a gente consome, mais contato a gente acaba tendo com origem desse alimento, se o alimento é mais processado, mais industrializado, fica mais difícil a gente saber o que realmente ele compõe e que tá junto nessa embalagem de ultra processado. Então eu acho que se fosse falar o que eu gosto de comer, eu acho realmente um alimento mais natural e que eu não gosto é um alimento muito processado. (Manuela, 2021)

A importância de conhecer a origem dos alimentos e seu processo produtivo está relacionada em se posicionar sobre isso, assim, cozinhar e comer também aparecem como atos políticos. No relato a seguir de Everton, assim como no relato anterior, o consumo e o produto final geram a reflexão no consumidor sobre todo seu processo produtivo, o que para ele é indissociável:

(Cozinhar) para mim começou como um hobby, e daí ele virou uma coisa profissional, e daí ele virou uma atividade (que) para mim hoje (é) central na minha vida, porque o cozinhar é o ato final [...]. Quando eu vou cozinhar eu tenho que saber de onde vem essa comida, sabe? Eu faço uma regressão, então eu acho importante você saber da onde vem a tua comida, então o ato de cozinhar para mim acaba sendo uma consequência de como esse alimento foi produzido, para quem ele vai ser servido. Então eu vou cozinhar ele e é só mais uma etapa de todo um processo que começa lá com produtor e vai terminar aqui com o consumidor, então tipo assim, eu não

consigo ver ele, o ato de cozinhar, separado da produção e do consumo, tá ele tá no meio ali sabe? É uma das etapas, então tipo assim eu não consigo dissociar ele da produção e do consumo. (Everton, 2021)

O sentido da alimentação nesses dois últimos relatos também é o de busca de conhecimento ou tomada de consciência, seja ele obtido pelo contato com a origem do alimento, seja através de um exercício intelectual de regressão deste produto.

Como um ato de introspecção, o cozinhar aparece nas entrevistas como uma atividade caseira e prazerosa, que envolve pesquisa de receitas e também de conflitos, como busca por conciliação para satisfazer seu próprio paladar e dos demais. Marta, assistente social e mãe de três crianças pequenas, relata esse processo de conflitos e conciliações em sua família:

Eu já tentei colocar as coisas assim, eu faço, fazia, que nem assim, mesmo eles (seu marido e filhos) não gostam de cebola, eu tudo que eu vou fazer eu ponho cebola, daí até o meu piá ali chorava “eu não como cebola” e daí ele faz um escândalo, daí eu falei: “você não quer, você tira do ladinho”, comecei a ensinar assim, porque eu pensei assim, eu não vou começar a tirar o que eu gosto, de temperar a comida, porque é tão gostoso, você temperar, por cebola, por o alho, porque os outros não gostam né? Daí eu me sinto, puxa eu já faço ainda não vou fazer do jeito que eu gosto? Então assim, eu ponho a cebola e daí tanto meu marido como as crianças, os que não gostam, eles tiram do lado, às vezes me dá raiva de ver eles tiraram, penso, credo, o que que custa né, comer uma cebola, mas a pessoa não gosta né não adianta a gente não vai mudar. (Marta, 2021)

As narrativas apontam para uma reflexão dos consumidores sobre esses diferentes processos a partir do preparo de suas refeições. Surgem nos relatos situações de aprendizagem relacionadas a este ato de cozinhar, como mudanças na rotina em função da maternidade. Cozinhar para outra pessoa, no caso de Maria, para sua filha, gerou reflexões e uma tomada de consciência sobre sua própria alimentação:

Eu aprendi tarde, eu fui aprender a cozinhar quando minha filha nasceu, antes eu comia muito mal, hoje eu tenho noção disso e hoje eu gosto, me interessa, um assunto que eu procuro novas receitas, novas misturas novas possibilidades. Hoje é um assunto que me interessa [...] (Maria, 2021)

Essas reflexões, ligadas ao reconhecimento do outro no processo da produção e consumo de alimentos, se dão à medida em que o consumidor se envolve cada vez mais nas atividades de produção e consumo. As reflexões de Maria, Almir e Edna sobre as demais pessoas que participam do cultivo e consumo estão diretamente ligadas às suas práticas de fazer suas hortas, plantar seus produtos e preparar seus alimentos, o que reverbera sobre a sua própria prática. É como se ao plantar para si o consumidor enxergasse no produtor o seu reflexo, ou ao cozinhar para outra pessoa, consiga enxergar um quadro da sua forma de se alimentar.

No relato a seguir, Marta faz uma reflexão sobre como a maternidade e a preocupação com a alimentação de seus filhos promoveu reflexões sobre sua própria alimentação:

Então mamão é uma coisa que eu não gosto e quando as crianças, eu comecei a introduzir frutinhas para eles, mamão era uma coisa que eu não comprava para eles, veja né, uma coisa que eu não gosto, mas porque eu não ensinei eles a comer né? Então às vezes essas questões, que a gente não pensa que o outro é outra pessoa né? Ah, porque eu não gosto então eu não vou oferecer. Então eu, a minha alimentação é errada no sentido de eu não ingerir e ao mesmo tempo eu não ter aqui em casa para apresentar para as crianças né? (Marta, 2021)

Na narrativa de Marta há uma expressão de alteridade, o reconhecimento de si mesmo na diferença através da rotina de alimentação, pensar que o “outro é outra pessoa” abre a possibilidade de fazer e propor práticas diferentes das quais se está acostumado e seguiu até o momento. Assim, além dos hábitos de infância que desejamos resgatar ou rejeitar que definem nosso gosto, há também os hábitos de infância novos que desejamos criar em nossos filhos.

Há também outros relatos de reconhecimento de aprendizados muito vinculados à pandemia. Neste contexto surge a palavra “energia” usada para se referir ao metabolismo, principalmente quando os entrevistados relataram à energia dispendida pelo organismo na digestão de carne vermelha. Energia calórica, em função da mudança de rotina na pandemia e conseqüentemente da carga de exercícios físicos realizada e, por fim, uma energia intercambiante em diversas situações e que pode variar conforme o estado emocional dos envolvidos. Como exemplo, a energia envolvida no processo de cultivo, na preparação e no consumo. Ela se relaciona, não apenas às características físicas, nutricionais e organolépticas dos alimentos, mas também nas intenções envolvidas em sua cadeia produtiva, na filosofia ao qual seu processo produtivo está inserido. Todo esse fluxo, segundo as narrativas dos entrevistados é refletido no estado de saúde e emocional das pessoas. Essas observações dos entrevistados não são fruto somente de um processo de formação política, acesso à novas informações ou racionalizações, mas também de percepção do próprio corpo e sentimentos, se relaciona com a sua digestão e a emoção, como no relato a seguir de Tânia que, a partir de sua experiência no trabalho com terapias de caráter mais holístico, considera a alimentação como um elemento integrado à um conjunto:

Você pode fazer a mudança na sua nutrição, mas você vai ter que fazer um exercício, fazer uma terapia. Se tem um fator emocional envolvido, você tem que procurar um especialista porque até o fator emocional ele vai interferir na sua alimentação e no seu funcionamento do teu organismo. [...] Então tudo é conjunto. A gente não é uma coisa só e a alimentação está inclusa. (Tânia, 2021)

Assim, o sujeito não se divide em diferentes partes como emocional, racional e outra corporal, ele é “uma coisa só” da qual a alimentação faz parte. Essa reflexão toma uma nova escala quando esse sujeito é pensado na sociedade, no meio ambiente e no mundo, essas reflexões tornam-se mais manifestas em uma

situação de Pandemia e retorno presencial do trabalho. Logo no início do trecho a seguir da entrevista com Edna fica claro o sentido de integralidade do sujeito no mundo e como a alimentação faz parte disso:

Então é bem interessante esse processo, foi uma reeducação em todos os sentidos, de visão de mundo, de natureza, de respeito ao corpo também, aos limites do corpo. E as pessoas, assim, infelizmente, elas vão só enchendo de coisa dentro do corpo. [...] Eu vejo assim, que até a questão de trabalhar agora nessa pós-pandemia, agora se tem relação ou não tem eu não sei, mas eu vejo uma relação entende? Eu por exemplo consigo administrar melhor tudo que está acontecendo. O pânico em sala de aula que os meus colegas estão desenvolvendo, porque nós estamos no ensino híbrido [...]. Meu Deus! aquilo era assim um pandemônio! A gente consegue ver de uma outra maneira, ter até uma certa calma e até ajudar os colegas. E lembrando da palestra daquela psiquiatra maravilhosa que eu assisti eu pensei que tudo está relacionado [...]. Claro, eu não vou dizer que eu nunca fico triste, fico triste, tenho minhas ansiedades, mas percebi que depois dessas novas visões, dessa nova alimentação, dessa nova postura diante do sistema, diante do mundo, foi melhor, entende? para encarar as coisas, para enfrentar, é isso. (Edna, 2021)

Assim como em outras narrativas, em que aparecem sentidos de tomada de consciência, resgate de saberes e busca de conhecimentos, aqui aparece o processo de “reeducação” que vincula corpo e natureza e, mais adiante, trabalho e sentimentos que, por fim, geram uma nova visão e uma nova postura diante do sistema e do mundo.

### **Considerações Finais**

As noções mobilizadas pelos entrevistados sobre o consumo de produtos agroecológicos se relacionam principalmente à saúde, ao debate sobre a relação do ser humano com a natureza e à opressão por parte dos grandes setores econômicos e industriais. São citadas nas entrevistas as indústrias farmacêutica e alimentícia e o agronegócio.

Os valores presentes nas narrativas se referem à valorização de saberes tradicionais, da alimentação saudável e acessível, à preservação dos recursos naturais e relação recíproca entre produtores e consumidores. Dessa maneira, o sentido dado à compra desses produtos é o de apoio de um projeto social consonante com esses valores.

Já o sentido dado à alimentação é mais amplo, envolve uma reflexão sobre a rotina, estilo de vida, a relação dos entrevistados com seus pais e com seus filhos e seu próprio corpo. Há nas narrativas a noção de que a energia dispendida na digestão da carne vermelha pelo intestino humano tem relação direta com o sofrimento do animal no momento do abate. O mesmo acontece com o produto que, pelo contrário, não gera sofrimento, e sim impactos positivos. A ideia de que existe uma teia que transmite a energia desde a produção primária do alimento, com as pessoas no assentamento depositando seus sonhos e esperanças no plantio

gera um ciclo virtuoso que chega até a comida pronta no prato. Em algumas entrevistas isso aparece de forma literal, como se de fato houvesse uma transmissão de energia em um sentido metafísico, ora como um mecanismo social e econômico expresso na cadeia de valor ou de prestígio em redes sociais de produtores e consumidores.

As noções de agroecologia são bem diversas, principalmente quando se pedia para os entrevistados as diferenciar do sistema orgânico, sendo que, por vezes, os termos “agroecológico” e “orgânico” são entendidos e usados como sinônimos. Apesar da variedade de respostas, todas envolvem uma ou mais das dimensões: ambiental, social, cultural, econômica e política. Essas dimensões também aparecem de forma geral nas falas sobre preocupações, critérios ou reflexões dos consumidores sobre sua alimentação. As falas mais frequentes envolvem a preocupação com a saúde, meio ambiente, justiça social, solidariedade e desenvolvimento econômico. Surgiram também narrativas de valorização de conhecimentos tradicionais, de uma economia doméstica ou de autoconsumo, que inclusive orienta desejos e projetos dos entrevistados que são aplicados em seus círculos sociais, nos quintais de suas casas e, principalmente no caso dos educadores ou nos seus espaços de trabalho. Não apareceu nenhum elemento ligado à religiosidade, pelo menos de forma explícita ou organizada sobre alguma confissão de fé.

Para além dos elementos já previstos, destacam-se alguns pontos emergentes nas narrativas. O primeiro é que os consumidores também gostariam de ser produtores. Além das já citadas justificativas de autossuficiência ou autoconsumo e prazer no trato com a terra, que alguns entrevistados também vinculam à um elemento energético, há nesse desejo uma valorização de relações de solidariedade, empatia, respeito e amor alimentadas por essas práticas, relatadas e atribuídas à outras localidades ou ao passado, como os conhecimentos sobre as PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais) e ervas medicinais, ao cultivo de hortas urbanas e comunitárias e árvores frutíferas. São usados termos como “voltar para trás” ou “resgatar” que indicam esse sentido de busca de uma perspectiva de agroecologia enquanto paradigma existencial. Neste sentido, pode-se apontar para perspectivas de projetos ou ações envolvendo agroecologia e alimentação. O espaço escolar, além de congrega professores já engajados na temática, apareceram nas entrevistas como espaço de contato com produtores, que frequentam a escola, seja como estudantes ou pertencentes aos demais grupos da comunidade escolar.

Outro elemento importante é o sistema de diferentes grupos de interesse que se comunicam e que constituem nós de uma rede social de diversos temas convergentes. Os entrevistados que circulam nesses grupos relataram como suas ações e comercialização se complementam. Nesta circulação estão presentes os produtores, o que suscita outra questão levantada que é o papel do assentamento Emiliano Zapata para o município de Ponta Grossa, visto que todas as entrevistas fizeram alguma referência ao assentamento ou a algum produtor do assentamento. Podemos inferir que os agricultores do assentamento, além de fornecerem produtos orgânicos e agroecológicos, também são produtores de subjetividades ao

participarem desses diferentes círculos e fornecerem outras perspectivas alternativas de produção e consumo aos consumidores de Ponta Grossa.

## Referencias

Abreu, L. S., et al. (2012). Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, (26), 143-160. <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v26i0.26865>

Alberti, V. (2008). Fontes Oraís: Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Ed.). *Fontes Históricas* (pp. 155-202). São Paulo: Contexto.

Almeida, J. (2002). Agroecologia: paradigma para tempos futuros ou resistência para o tempo presente? *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, (6), 29-40. <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v6i0.22126>

Altieri, M. A. (2004). *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável* (4ª ed.). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Altieri, M. A. (1999). Applying agroecology to enhance the productivity of peasant farming systems in Latin America. *Environment, Development and Sustainability*, (1), 197-217. <https://doi.org/10.1023/A:1010078923050>

Aubin, L. (2017). O paradigma agroecológico e as crises da sociedade contemporânea: contribuições socioantropológicas na perspectiva da teoria mimética. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, (41), 270-294. <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v41i0.51341>

Belik, W. (2020). *Estudo sobre a Cadeia de Alimentos*. Imaflora. [https://www.imaflora.org/public/media/biblioteca/estudocadeiaalimentos\\_14.1.0.2020.pdf](https://www.imaflora.org/public/media/biblioteca/estudocadeiaalimentos_14.1.0.2020.pdf)

Brandenburg, A. (2002). Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, (6), 11-28. <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v6i0.22125>

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. (2014). *Guia alimentar para a população brasileira* (2ª ed.). Brasília. [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_alimentar\\_populacao\\_brasileira\\_2ed.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf)

Certeau, M. de. (1997). *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petropolis: Vozes.

Cunha, L. A. G. (1988). Debates e controvérsias sobre a agricultura brasileira. *Revista de Economia da UFPR*, (13), 59-77.

Cunha, L. A. G., et al. (2014). O processo de territorialização dos camponeses nos Campos Gerais: o caso da comunidade de resistência Emiliano Zapata. In: *VII Seminário Estadual de Estudos Territoriais e II Jornada De Pesquisadores Sobre*

*Questão Agrária No Paraná*. Anais. Ponta Grossa, UEPG.  
<https://memoria.apps.uepg.br/seet/>

IBGE. (2023). *Cidades: Ponta Grossa - PR: Panorama*.  
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ponta-grossa/panorama>

Klanovicz, J., & Mores, L. (2017). A Sojização da Agricultura Moderna no Paraná, Brasil: Uma questão de história ambiental. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, (2), 240-263.  
<https://doi.org/10.21664/2238-8869.2017v6i2.p240-263>

Müller, A. L., Silva, M. K., & Schneider, S. (2012). A construção de políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil: o Programa de Aquisição de Alimentos. *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, (20), 139-157.  
<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/350>

Rosset, P., & Altieri, M. A. (2017). Bringing Agroecology to Scale. In: \_\_\_\_\_. *Agroecology: Science and Politics* (pp. 98-118). Black Point, NS: Fernwood Publishing.

Rocha, C. H., & Weirich Neto, P. H. (2007). Origens dos sistemas de produção e fragmentação da paisagem nos Campos Gerais. In: MORO, R. S., & GUIMARÃES, G. B. (Eds.). *Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná* (pp. 171-179). Ponta Grossa: Editora UEPG.

Santhiago, R., & Magalhães, V. B. de. (2020). Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, (27), 1-18.  
<https://doi.org/10.22456/1983-201X.102266>

Santos, C. R. A. Dos. (2005). A alimentação e seu lugar na história. *História: Questões & Debates*, (42), 11-31.  
<http://dx.doi.org/10.5380/his.v42i0.4643>

Tauterberg, J. H. (2009). O nascimento da era de consumo moderna: inovações culinárias após 1800. In: Freedman, P. (Org.), Cleaver, A. S., & Malzoni, J. (Trad.). *História do sabor*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.

Valadão, A. C. et al. (2014). A experiência da rede solidária de produtores e consumidores de produtos agroecológicos Emiliano Zapata – Ponta Grossa – PR: Aproximando produtores e consumidores. In: *VII Seminário Estadual de Estudos Territoriais e II Jornada de Pesquisadores Sobre Questão Agrária no Paraná*. Anais. Ponta Grossa, UEPG. <https://memoria.apps.uepg.br/seet/>

Woster, D. (2003). Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. *Ambiente e Sociedade*, (2), 23-44.  
<https://doi.org/10.1590/S1414-753X2003000200003>